

UM QUILT ENTRE CARNE E CONCRETO

UN QUILT ENTRE CARNE Y CIUDAD

Andréa Portela

portela.andrea@gmail.com

Andréa Portela é pedagoga, design de moda e mestranda do programa Estudos de Cultura Contemporânea da UFMT.

Ludmila Brandão

ludbran@terra.com.br

Ludmila Brandão é arquiteta e historiadora, doutora em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), com pós doutorado em Crítica da Cultura pela Université d'Ottawa/Canadá. É Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea da UFMT e do Núcleo de Estudos do Contemporâneo (UFMT/CNPq). Autora de A catedral e a cidade (EdUFMT, 1995) e A casa subjetiva: matérias, afectos e espaços domésticos (Perspectiva, 2002; 2008).

RESUMO

Este trabalho perfaz um caminho que costura o universo da moda a uma bibliografia que trata de corpos e espaços subjetivos; parte de um pequeno percurso histórico para compreender e, mais tarde, registrar algumas paisagens contemporâneas em suas dinâmicas comunicativas, que fomentam práticas de "intervenções urbanas" que, incorporadas por modas, produzem variadas performances coletivas.

Palavras-chave: Corpo. Intervenções Urbanas. Moda.

Resumen

Este trabajo recorre un camino que cose el universo de la moda a una bibliografía acerca de cuerpos y espacios subjetivos; parte de un pequeño percurso histórico para comprender y, más adelante, registrar paisajes contemporáneos en sus dinámicas comunicativas, que fomentan prácticas de "intervenciones urbanas" que incorporadas por modas, producen variadas performances colectivas.

Palabras clave: Corpo. Intervenciones Urbanas. Moda.

UM QUILT ENTRE CARNE E CONCRETO

Este texto nasce das discussões provocadas pela disciplina “Intervenções Urbanas: exercício de reinvenção das cidades subjetivas”, do programa de Estudos de Cultura Contemporânea da UFMT, cujas referências principais foram os conceitos de deriva e situação desenvolvidos por Guy Debord e o movimento Situacionistaⁱ iniciado na Itália em 1957, (tratado mais adiante), visando, a partir destes, estudar as intervenções urbanas brasileiras em suas potencialidades artísticas.

Para tentar entender algumas intervenções urbanas contemporâneas como micro resistência a um quadro de espetacularização ou como nova modalidade de arte, precisamos revisitar os processos de contracultura.

Mantidas as reservas da distância histórica, o movimento “Internacional Situacionista” assume uma importância atualizada para esta discussão, pela crítica que continua fundamentalmente pertinente para compreender a condição urbana contemporânea. Foi um movimento europeu com caráter, ao mesmo tempo, de crítica social, política e cultural. Entre as influências e interesses que se relacionaram com a “Internacional situacionista” destacamos o dadaísmo, o surrealismo, o letrismo, o comunismo, o anarquismo, os movimentos negro e trabalhista.

Iniciado em julho de 1957, com a publicação do periódico *Internationale Lettriste*, nome inicial do movimento, que tratava da vida cotidiana, da relação entre arte e vida, e principalmente, do urbanismo e da arquitetura na crítica ao funcionalismo moderno (JACQUES, 2003, p.16). Um marco importante é a obra de seu principal líder Guy-Ernest Debord, “A sociedade do espetáculo”, de 1967. As ações situacionistas em Maio de 68 provocaram um fortalecimento do movimento, cujo crescimento subsequente tornou-o demasiado complexo, decidindo-se pela dissolução da “organização” em abril de 1972. Segundo Debord, este fim “seria o verdadeiro começo”.

Os situacionistas propunham a psicogeografia e a deriva, além da distribuição de panfletos, telegramas, declarações, etc., como práticas que romperiam com o quadro de alienação dos sujeitos, produzindo uma crítica ao urbanismo e a ‘sociedade do

espetáculo', e na medida em que o espetáculo se intensifica o movimento continua a fornecer elementos para uma crítica renovada.

Alguns elementos da reflexão dos situacionistas são fundamentais ao estabelecermos um paralelo entre o cidadão atuante em suas escolhas corporais e uma imagem de espetáculo sugerida pela moda (é ela que se encarregará deste corpo espetáculo através da mídia); e ainda assim, é possível perceber movimentos de atuação como os de intervenção urbana e de renovação da moda em espaços imprevisíveis, indiferentes às revistas e passarelas (entre outros espaços do sujeito contemplativo, alienado, suscetível às formas impostas). A atenção volta-se para o empobrecimento da experiência humana; em *Caosmose*, Guattari descreve bem o quadro estático e sem vida da sociedade e fala da urgência do resgate da cidade subjetiva, numa ressingularização no sentido de romper o quadro atual de alienação do sujeito espectador.

Sobre este sujeito alienado, Debord (1967, p.19) destaca que quando o homem contempla e aceita reconhecer-se nas imagens dominantes da necessidade, ele se distancia da sua própria existência e desejo. Nas imagens do espetáculo, este homem troca seus próprios gestos pelos de um outro que lhe é apresentado. Já Paola Berenstein Jacques (2006, p.5) diz que, para os corpos, as cidades não são cenários no momento em que são vividas e, por isso, a experiência corporal não pode ser "um simples espetáculo", as experiências sobrevivem nos corpos dos praticantes.

A sociedade do espetáculo entre alguns pontos e nós na trama da moda

Do mesmo modo que se considera a existência de uma composição no acoplamento entre corpo e cidade, propomos pensar o vestir como um ato de intervenção, tanto tendo em vista o ambiente quanto em relação ao olhar do outro. Nessas múltiplas trocas, estabelecemos nossas escolhas, compomos uma poética singular do vestir, retornando ao paradoxo do corpo individual e coletivo, responsáveis pelos processos de diferenciação e pertencimento, respectivamente.

Vestidos, podemos nos considerar envolvidos, recobertos, sobrecodificados tanto de elementos tecnológicos quanto culturais, além de aspectos ainda mais subjetivos, e é

assim, “com essa roupa” que passamos pela cidade, lembrando que “a rua conduz o *flâneur* em direção a um tempo que desapareceu” e que, “no asfalto sobre o qual caminha, seus passos despertam uma surpreendente ressonância” (BENJAMIN, 2006, p.461).

A moda conduz nossas decisões através das aceitações tanto como das recusas daquilo que nos propõe, considerando que ela participa dos inúmeros atravessamentos que resultarão em nossas escolhas vestimentares. E, ao propor transformações cíclicas, independentemente de qual seja seu interesse (mercado ou pulsão criativa), a moda sempre reafirma seu caráter paradoxal: mesmo sendo uma fábrica de determinismos, ela dá cabo da plasticidade, da mutação, das variadas possibilidades de um jogo estocástico, nunca plenamente determinável.

Ocupamo-nos dos elementos e situações que propiciem ao “cidadão” estabelecer suas próprias escolhas no ato de vestir e elaborar sua aparência longe dos determinismos da moda, particularmente em seu viés mercadológico – ao contrário, vamos conceber o ato de vestir ou de compor a aparência como um ato político, pensando no potencial de tomar decisões e assumir escolhas. Não utilizamos o termo sujeito (*subjectum* – o que está por trás das aparências), mas preferimos cidadão, que contempla o homem politizado, ou o homem que compreende e decide sobre a moda, estabelecida ou não, por um ciclo-manifesto de uma maneira de uso, ou ainda, que decide sobre seu próprio modo de estar e atuar. Cidadão como cidadão, aquele que habita a cidade, integralmente visível pelas ruas. Em sintonia com Foucault (1994, p.732), vemos a moda ou a idéia de uma “única moral como código de regras e de obediência” já como fenômeno desaparecido e a essa ausência de moral corresponde a busca por uma “estética da existência”.

Na cidade, assiste-se a um trânsito de forças contraditórias de poder e escape. De Certeau (1994, p.174) afirma que estas forças se combinam fora do poder panóptico e, apesar das cidades estarem dominadas pelo poder político, sob os discursos e ideologias dominantes, existe uma proliferação de poderes sem identidade, impossíveis de gerir.

Quanto mais a moda se expande e se contamina na grande urbe planetária, mais possibilidades de singularização são forjadas nos indivíduos, no modo como se apropriam dos discursos que se querem hegemônicos, transformando o cenário coletivo, democratizando as sociedades e provocando novas experiências corporais.

Propomos então, uma breve derivaⁱⁱ, nos apropriando concomitantemente das amplas possibilidades geradas também pela palavra situação, que se refere ao mesmo tempo, a localização geográfica, condição social e emocional, para chegar à cidade-corpo que se estabelece como o território existencial proposto por Guattari (2002, p.131), que se constitui num conjunto de "terra natal, pertencimento do eu, amor ao clã, profusão cósmica".

A rua como o terreno fértil para algumas experiências estéticas de moda

Quais as relações que podem ser estabelecidas entre a moda, os sujeitos (não mais sujeitos a nada, mas atuantes em suas eleições de vida) e as ruas? Se considerarmos que toda forma de agir no espaço urbano é uma intervenção, podemos dizer que cada pessoa intervém sistematicamente na cidade. Desses modos de intervenção podemos destacar o próprio modo de vestir. O corpo vestido que circula na cidade incide sobre ela, a reconfigura, produz uma interferência, mesmo que mínima.

É a moda que espetaculariza o corpo, mas a moda concebida dentro de um circuito específico de forças onde se propõe como elemento influenciador de modos e usos na captura de corpos, comportamentos e, claro, lucros; no entanto, o circuito modelizante é mais complexo. Contemporaneamente, diz Érika Palomino (2002), a moda vem subvertendo a lógica das passarelas ao tomar das ruas as idéias que a contaminarão. Os indivíduos seguem a moda ou ela os copia? Por onde são conduzidas as linhas que se entrecruzam nas dinâmicas provocadas pela moda?

O discurso de uma moda urbana ou *streetwear* surge nos grandes centros urbanos sob influência de comunidades e movimentos artísticos e culturais que constituíram ou sugeriram padrões e estilos de vida, como o *punk*, o *skateboard*, *reggae*, *hip hop*, *hardcore*, a cultura *club* ou o grafite.

Um marco dessa moda que tem as ruas e os movimentos artísticos como base de influências, sobretudo a música, é o trabalho da estilista inglesa Vivienne Westwood que sempre foi inspirado no povo marginalizado da periferia de Londres e no rock desde os anos 50. Nos anos 70, ficou conhecida como a estilista que transformou o *punk* em moda, principalmente por vestir a banda pioneira do *punk* a *Sex Pistol*.

Visando explorar outras “maneiras de ser”, transformadas em estereótipos *pret à porter* do mercado, as tribos são transformadas em público alvo. Os discursos definidores de padrões parecem servir exclusivamente ao fomento do consumo, não explicando a dinâmica dos usuários em todas as suas dimensões. A insistência em estabelecer definições, por vezes extrapola a sua própria lógica, terreno fértil para inverter as posições, os valores.

Através de uma trajetória histórica do corpo, e assim conferindo-lhe existência, Ieda Tucherman (1999, p.138) analisa os corpos da contracultura, das ruas nas décadas de 1960 e 1970 – os femininos e feministas, os *hippies*, os *gays*, *punks*, *skinheads*, etc. – , como um corpo desmistificado e que marca o início da transição para o corpo pós-moderno. É neste contexto que o corpo ganha um investimento pessoal e uma visibilidade nunca antes conquistada, tornando possível perceber aí o nascimento de corpos indisciplinados, corpos que atuam politicamente no espaço público recusando alguns velhos pudores.

Temos então estabelecida uma dupla situação, na qual a marca “juventude” serve ao mercado e vende, atendendo aos fluxos de padronização, como acredita Canevacci (2006, p.23), que contextualiza o pós-guerra como produtor da escalada das culturas juvenis veiculadas nos meios de comunicação, cuja base do fenômeno é o consumo juvenil, afinal, enquanto o adulto produz, “o jovem consome”; e ao mesmo tempo, essa mesma marca juvenil promove rupturas e transformações sociais, como para Nízia Villaça (2008, p.46), que aponta a moda dos anos 60 como o começo da forte influência jovem trazida das ruas, como meio de valorização da estética da periferia, por meios como o grafite, os fuxicos, cabelos rastafáris, entre outras propostas.

No indissociável arranjo entre simbolismo e utilidade aplicado ao valor social e cultural, quanto ao uso dos objetos, podemos assistir a uma troca de direção importante destes valores, o que antes se produzia no sentido centro periferia, se inverte em periferia centro. Neste processo, muitos valores podem ser dissolvidos.

Moda de rua, ou que surge nas ruas, nas periferias, nas comunidades, mundo das marcas, a juventude, os movimentos políticos e culturais são como fios emaranhados de uma mesma trama.

Estabelecendo uma forte correspondência de alguns movimentos jovens da atualidade com os movimentos da contracultura, Naomi Klein (2002) aposta que as corporações transnacionais (em referência ao mundo das marcas), na medida em que forem compreendidas como uma rede colonizadora do planeta serão os alvos de revolta em um novo grande movimento político:

o anticorporativismo é o que distingue a política que captura a imaginação da próxima geração de encrenqueiros e agitadores, e precisamos somente olhar para os estudantes radicais da década de 1960 e os guerreiros da identidade dos anos 80 e 90 para ver o impacto transformador que tal mudança pode obter.

Este discurso antiglobalizante é pertinente para avaliar o mundo das marcas, dos cool hunters ou "caçadores de tendências"ⁱⁱⁱ, que tiram das ruas (das "trincheiras", como ironiza Naomi Klein), referências de moda em elementos já aceitos ou fabricados pelas pessoas que circulam nos espaços urbanos ou em tribos específicas. Aos cool hunters, também chamados de observadores de moda ou filtros de tendências, confrontam-se os adbusters, uma espécie de arte-vandalistas (ou de ativismo midiático) em conexão global que critica o "estilo de vida" contemporâneo movido e bombardeado pela informação visual e comercial da publicidade e a filosofia/ideologia de consumo alienante que surge a partir disso.

Etiquetas, outdoors e outros suportes publicitários, não escapam a estes movimentos, os adbusters, através de pequenas ações, ou micropolíticas (assim entendida por sua desvinculação com a política partidária e institucionalizada), atuam praticando algumas intervenções urbanas. Henrique M. Mazzeti (2006) denomina as

intervenções urbanas como micropolíticas pós-modernas, entende estas manifestações como sendo críticas e de contestação social, chamando-as de “políticas afetivas”.

Tribalismos e contaminações

Entre as mudanças comumente assinaladas ocorridas na passagem da modernidade para a pós-modernidade, está a oposição entre individualismo e tribalismo. Enquanto na modernidade, o ideal era fundado na noção de indivíduo dominado e constituído por uma identidade fixa, na pós-modernidade, a lógica é a do existir para o outro, para o mundo. Por isso, a moda, e tudo o que ela carrega consigo, como a mobilidade ou o culto à aparência, convocam a um existir para o outro em práticas estabelecidas conforme pequenos grupos sociais chamados “tribos”. Por essa dinâmica, a moda é tida como a própria configuração do contemporâneo. Maffesoli pensa o fenômeno moda como algo que não é baseado mais na vontade, mas num tipo de “contaminação” viral, que provoca epidemias em todos os domínios, inclusive no pensamento, “o se tornar moda no mundo (...) é interessante: moda da vestimenta, moda da linguagem, moda corporal, moda sexual” (2004, p.28). Para ele, a socialidade é constituída através da estética, dos afetos, “nas emoções partilhadas”.

Na base dos novos códigos e movimentos de moda estão as dinâmicas virtuais como experimentações que alcançam as ruas da cidade. As novas tecnologias de comunicação (celulares, i-pods, orkut, twitter, blogs, e-mails, etc) propiciam novas formas de interação social, mobilizações sociais via ciberespaço estão diretamente relacionadas a movimentos de intervenção urbana como os *flashmobs*, para citar um exemplo. Os *flashmobs*, ou “multidões instantâneas”, são eventos organizados por comunidades virtuais efêmeras com o único objetivo de criar situações momentâneas no espaço público. Lúdicos, artísticos, agregadores, os indivíduos se aglomeram e se apoderam dos espaços urbanos. O experimentalismo toma forma, é concreto.

Por toda e qualquer parte os *flashmobs*, dance, moda... Surgem instantaneamente, intervenções, efemeridades que iluminam algum ponto da cidade e desaparecem.



Figura 1: flash moda no centro de Cuiabá, 2008. Foto: Andréa Portela.

Sob influência dessas ações, contaminantes como a própria moda, outras contaminações são provocadas, se apropriando das ruas como cenário que operam um deslocamento no espaço convencional abrindo-o para o espaço do imprevisível. É este o caso de desfiles relâmpagos, flashes moda que por vezes habitam a cidade.

Destaca-se na cidade, também, o uso das camisetas com mensagens como uma espécie de “intervenção usável”. A camiseta-outdoor comunica todo tipo de mensagem: publicitária, política, cultural, ideológica. Ao final, todas elas são políticas. A camiseta como mídia ideológica lembra as camisetas do movimento *punk* influenciado pelo lema “*do it yourself*”, faça você mesmo. Sempre mantendo a mistura entre aquilo que estabelece certo pertencimento e aquilo que busca diferenciar-se: um punk-tribal pode então nascer.

Finalmente, é preciso lembrar o uso de *buttons*, palavra inglesa que significa botões em português, usados grudados às roupas por colecionadores, ativistas, políticos

ou tribalistas, muito usados entre grupos de intervenção urbana, funcionam como crachás identificadores, afirmativos do pertencimento a este ou aquele grupo.

Por toda parte, através da moda ou como moda, assistimos a reconfigurações de valores e práticas. Os novos coletivos se formam através desses novos arranjos que se estabelecem ao experimentar novas modalidades de comunicação, como no caso dos *flashmobs*, que se tornam possíveis graças a estas comunicações.

A moda parece correr à captura dos movimentos que lhe escapam para deles se apropriar e atribuir-lhes um sentido qualquer que seja. A esta captura seguem-se outros movimentos que se pretendem anti-, contra-, pós- que permanecem fluidos e cambiantes, resistindo ao falso nomadismo do movimento capturado, institucionalizado, que re-acende desejos e novas forças de atuação. Walter Benjamin (2006, p.462) já apontava a necessidade de libertar Paris de seus fetiches,

paisagem – é nisto que a cidade de fato se transforma para o flâneur. Ou mais precisamente: para ele, a cidade cinde-se em seus pólos dialéticos. Abre-se para ele como paisagem e fecha-se em torno dele como um quarto.

O que podemos dizer é que a moda, mesmo atravessada por tantas forças contraditórias e esforços de capturas, acaba operando, na contemporaneidade, – o que talvez seja sua maior contribuição – o deslocamento da sua “arte” para as ruas; uma arte que se usa e que se carrega, concebida num monta e desmonta sempre instantâneo como um *flash*, como proposto pela *wearable art*, nesse movimento que teve origem nos EUA nos anos 70, os estilistas inspiravam-se nas artes e artistas para interpretarem conceitos do vestir. A *wearable art*, ou arte vestível-usável era uma reação à produção de massa, valorizava a artesanidade das roupas e, com ela, a criatividade e a singularidade. No fim dos anos 80, chega ao Brasil com o nome de rouparte. Essa roupa singular, que nos veste de desejos e inquietações é a que reencanta o corpo-cidade através de intervenções urbanas ou jogos de micropolítica num delicado encontro com a arte.

Tecendo a vestidura das cidades

Corpo e cidade constituem uma única paisagem, pois se fundem em geografias, constroem-se mutuamente. Estão acoplados e assim permanecem, resultado de um processo ininterrupto de construção de formas, cores, cheiros e infinitas possibilidades de modelar-se. Corpo e cidade existem a partir das mesmas matérias fundamentais: desejos, práticas, delírios, energia; é a cidade subjetiva que Félix Guattari (2006, p.169) deseja restaurar e que “engaja tanto os níveis mais singulares da pessoa quanto os níveis mais coletivos”. Nesta cidade, a existência humana importa mais que a própria infra-estrutura, embora não possamos separá-las.

Enquanto Michel Serres (1999, p.40) descreve o corpo como não mais existente, como “um virtual encarnado”, Helena Katz (2008, p.69) fala de uma co-dependência entre corpo e ambiente, “corpo é sempre um estado provisório da coleção de informações que o constitui como corpo. Esse estado vincula-se aos acordos que vão sendo estabelecidos com os ambientes em que vive”.

Falar de corpo e cidade parece ser falar cada vez menos de entidades concretas e mais de objetos que escapam, se desrealizam, que tendem a serem outros, sistematicamente. O espaço urbano contemporâneo é um espaço desterritorializado, por onde transitam virtualidades, possibilidades de ser. Para Ieda Tucherman (1999, p.186),

a subjetividade constrói o seu território existencial a partir de outros territórios dos quais se apropria, misturando-os. Ela agencia o humano e não-humano, carne e metal, cérebro e silício, incluindo também grupos humanos, máquinas sócio-econômicas, informacionais, etc.

Saltando muros, grades, arames farpados, cercas elétricas, portarias ou mesmo alguns cães, escapamos dos espaços cerrados e privados, alcançando o espaço público, entendido como espaço pleno da urbe, porém nem sempre liberto, já que pode permanecer capturado por olhos e câmeras – tornando possível estabelecermos múltiplas conexões de espaços com-domínio ou sem-domínio. Aqui, a cidade se realiza nas ruas, becos, praças, avenidas, com habitantes, simples transeuntes ou seres inesperados, formando um todo descentrado a que Marc Augé (1994, p.75) chama de não-lugares, por onde perpassam “as vias aéreas, ferroviárias, rodoviárias, as redes a cabo ou sem fio

que mobilizam o espaço extraterrestre para uma comunicação tão estranha que muitas vezes só põe o indivíduo em contato com uma outra imagem de si mesmo”.

Os indivíduos ocupam os espaços com os quais se identificam, qualquer ponto que seja da Terra. Ortega (apud KUJAWSKI, 1988, p.43-44), a propósito das relações genéricas entre geografia e história, diz que o homem também é construtor dos espaços geográficos tanto quanto da história. Os indivíduos na cidade, na cena pública são mais que transeuntes incógnitos, a eles importa passar e interferir na paisagem urbana, escrevendo um texto contínuo com linhas de percursos improváveis,

tudo se passa como se uma espécie de cegueira caracterizasse as práticas organizadoras da cidade habitada. As redes dessas escrituras avançando e entrecruzando-se compõem uma história múltipla, sem autor nem espectador, formada em fragmentos de trajetórias e em alterações de espaços: com relação às representações, ela permanece cotidianamente, indefinidamente, outra. (DE CERTEAU, 1994, p. 171).

Vivemos então entre essas redes que se entrecruzam e que formam pontos onde podemos ser localizados, capturados e/ou conduzidos por um poder sem faces, que insiste em moldar os sujeitos em circuitos petrificados: “de um cruzamento dado, (...) recortava-se um tipo de tela que designava o lugar de referência, a posição e força” do poder no sentido sociopolítico (SERRES, 2003, p.170).

Na cidade contemporânea surge uma necessidade, uma urgência: a restauração do espaço humano, um re-desenhar a cidade enquanto transformamos nossa visão do mundo e agregamos novas formas de comunicação e de ocupação dos espaços e dos corpos. É urgente pensar a cidade, e olhar, e agir formatando seus devires. Cartografar através das pegadas, dos rastros que formam trilhas por onde se molda a cidade que por sua vez moldará seus personagens, a esse movimento de múltiplas direções comparamos ao movimento do *quilt* ao elaboramos um *patchwork*^{iv}.

Traçando inúmeras linhas de fuga, os indivíduos se apropriaram de novas redes comunicativas, como as virtuais, inventando novas possibilidades de vida, criando territórios existenciais e resistindo às formas de poder, “o poder pode ser uma articulação entre muitos parceiros procedendo por aliança e negociação e não de uma relação de dominação hierárquica” (GUATTARI, 2006, p.174).

Na medida em que os corpos se tornam instáveis e os pontos de referências se tornam virtuais e sinalizados via-satélite, é curioso notar o surgimento de uma espécie de movimento compensatório, quanto mais precisas as tecnologias de visualização espacial, mais imprecisa se torna a movimentação e a ocupação dos corpos.

Criatividade, vontade, mutação e resistência são alguns elementos que se espalham silenciosamente pela cidade.

Como no vai e vem das agulhas que elaboram o *quilt*, o vai e vem dos corpos elaboram a cidade que, por sua vez, dá novo impulso ao movimento, colocando em circulação sempre mais corpos. A cidade e seu *patchwork* infindável de corpos. Parece que nossa tarefa, assim pensando, consiste em cartografar essas costuras *in progress*, vivências urbanas experimentadas (e vestidas) no corpo-cidade contemporâneo onde pessoas se vestem com as cores e os cheiros do lugar que habitam. Curiosamente, o vestir-se sempre tido como um ato individual poderia tratar-se, nessa perspectiva de uma ação coletiva.

Bibliografia

AUGÉ, Marc. *Não Lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. São Paulo: Papirus, 1994. (Coleção Travessia do século)

CANNEVACCI, M. *Culturas Extremas: mutações juvenis nos corpos das metrópoles*. Tradução: Alba Olmi. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

DE CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano: v.1. Artes de fazer*. 10ªed. Tradução de Epharaim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

FOUCAULT, M. *História da sexualidade*. Tradução: Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro, Graal. – 1994. Vol. III.

GUATARRI, Félix. *Caosmose: um novo paradigma estético*. Tradução: Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. São Paulo- Ed. 34, 2006.

JACQUES, Paola B. (org.) "Internacional situacionista. apologia da deriva". In *Escritos situacionistas sobre a cidade*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

JACQUES, Paola B. JEUDY, Henri Pierre. *Corpos e cenários urbanos: territórios urbanos e políticas culturais*. Tradução: Rejane Janewitzer. Salvador: EDUFBA; PPG/AU/ FAUFBA, 2006.

KATZ, Helena. "Por uma teoria crítica do corpo". In *Corpo e moda: por uma compreensão do contemporâneo*/Ana Cláudia de Oliveira, Kathia Castilho, organizadoras, _ Barueri, SP: Estação das Letras e Cores Editora, 2008.

KLEIN, Naomi. *No logo: a tirania das marcas em um planeta vendido*. Tradução de Ryta Vinagre. 2a ed. Rio de Janeiro: Record, 2002.

KUJAWSKI, Gilberto M. *A crise do século XX*. São Paulo: Ed. Ática, 1988.

MAFFESOLI, M. "Perspectivas tribais ou a mudança do paradigma social". Tradução: Cristiane Freitas. In: *Revista FAMECOS*. Porto Alegre. Nº 23 – abril 2004.

MAZETTI, Henrique M. Entre o afetivo e o ideológico: *as intervenções urbanas como políticas pós-modernas ECO-PÓS- v.9, n.2, agosto-dezembro 2006, p.123-138*

PALOMINO, Erika. *A Moda*. São Paulo: Publifolha, 2002.

SERRES, M. *Hominescências: o começo de uma outra humanidade?* Tradução: Edgar de Assis Carvalho, Mariza Perassi Bosco. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1999.

TUCHERMAN, Ieda. *Breve história do corpo e seus monstros* – Lisboa: Passagens, 1999.

VILLAÇA, Nízia. "Moda e periferia: negociações midiáticas". In *Corpo e moda: por uma compreensão do contemporâneo*/Ana Cláudia de Oliveira, Kathia Castilho, organizadoras, _ Barueri, SP: Estação das Letras e Cores Editora, 2008.

Referências eletrônicas:

Artes Visuais- Itaú Cultural. Disponível em:

<http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_ic/index.cfm?fuseaction=termos_texto&cd_verbete=3654> Acesso: 10/09/2009.

JACQUES, Paola B. "Corpografias urbanas". Publicado no portal Vitruvius, sessão *Arquitextos*. Disponível em:<www.vitruvius.com.br/arquitextos/.../arq093_02.asp>. Acesso: 08/09/2009.

Moda Almanaque. Disponível em:

<http://www2.uol.com.br/modaalmanaque/estilistas/estilistas_vivienne.htm> Acesso:
05/10/2009.

RODRIGUES, Denis. *Adbusters - Vandalismo é arte*. Disponível em: <
<http://www.bravus.net/adbusters-vandalismo-e-arte>> Acesso: 09/10/2009.

Wikipédia. Disponível em: < http://pt.wikipedia.org/wiki/Vivienne_Westwood>. Acesso:
05/10/2009.

ⁱ Situacionista vem de "situação", palavra que foi e é usada em sentido oposto a espetáculo e, propositalmente, diferente de "situacionismo" que se refere ao partido político que ocupa o poder e pressupõe uma doutrina, o que não condiz com o "jogo" situacionista que, imprevisível, quer criar novas situações.

ⁱⁱ Deriva como experiência de passagem rápida e contínua por ambiências variadas captando as ressonâncias do espaço urbano.

ⁱⁱⁱ Profissionais que prestam consultoria na pesquisa de moda.

^{iv} *Patchwork* é um trabalho manual que consiste na emenda de pedaços de tecidos formando desenhos, na conclusão do trabalho uni-se um forro também de tecido que é preso por um pesponto chamado *quilt*.

Data de recebimento: 20/04/2010

Data de aprovação: 18/08/2010